

O HOMEM BEM-AVENTURADO (SI 1.1-6) [1]

INTRODUÇÃO:

Uma pergunta que se fosse feita a pessoas diferentes saberíamos previamente a resposta, é: “*Você deseja ser feliz?*”. A resposta certamente seria sim. A questão teria um leque maior de respostas, se perguntássemos: “*Para você o que é a felicidade?*” ou “*O que significa ser feliz?*”. Possivelmente um elemento característico nas respostas seria o de ter algo como a satisfação de alguns sonhos e desejos. O fato é que todos desejam ser felizes!¹

Calvino (1509-1564) comenta que “... enquanto todos os homens naturalmente desejam e correm após a felicidade, vemos quão quanta determinação se entregam a seus pecados; sim, todos aqueles que se afastam ao máximo da justiça, procurando satisfazer suas imundas concupiscências, se julgam felizes em virtude de alcançarem os desejos de seu coração”.²

Supõe-se que este salmo foi escrito depois dos outros 149 para servir de introdução aos mesmos, evidenciando os dois caminhos resultantes da escolha do homem.³ O salmista inicia o Salmo falando sobre o homem bem-aventurado, estabelecendo uma distinção entre os “piedosos” e “pecadores”. “O primeiro salmo encontra-se no pórtico da coleção dos salmos como um guia que em linhas claras indica a direção da vida”.⁴ Temos aqui, portanto, uma reflexão sobre as escolhas humanas e as suas consequências.

Vamos então estudar este salmo procurando entender biblicamente o caminho da felicidade e o seu significado.

A palavra traduzida por “*bem-aventurado*” (אַשֵׁר) ('esher) (1) quer dizer: “*quão feliz é*”. Para os gregos a idéia de bem-aventurança (μακάριος) estava geralmente associada a algum bem terreno: saúde, bem-estar, filhos e riquezas, ainda que não ex-

¹ “Todo homem deseja a felicidade. Por isso o salmo primeiro descreve quem realmente é feliz” (Eusébio. *Apud* Luís Alonso Schökel; Cecília Carniti, *Salmos I: salmos 1-72*, São Paulo: Paulus, 1996, p. 124).

² João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1 (SI 1.1), p. 51.

³ Cf. João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (SI 1.1), p. 49; Luís Alonso Schökel; Cecília Carniti, *Salmos I: salmos 1-72*, São Paulo: Paulus, 1996, p. 123; Derek Kidner, *Salmos 1-72: introdução e comentário*, São Paulo: Mundo Cristão/Vida Nova, 1980, (SI 1.1), p. 62. Para uma opinião diferente, que supõe a colocação deste salmo na introdução apenas por vontade do compilador, veja-se: Artur Weiser, *Os Salmos*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 69. Da mesma forma, sustentando a autoria davídica e crendo no arranjo posterior, W.S. Plumer, *Psalms*, Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, © 1867, 1975 (Reprinted), p. 27.

⁴ Artur Weiser, *Os Salmos*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 69.

clusivamente, podendo se referir ao conhecimento e à paz interior.⁵ A palavra grega carrega consigo o sentido de beleza e harmonia.⁶

O Antigo Testamento contém muitas advertências contra o julgamento puramente externo; de forma que a verdadeira bem-aventurança, de modo especial nos Salmos, está associada à *confiança* em Deus (Sl 40.4; 84.12);⁷ *refugiar-se* em Deus (Sl 2.12; 34.8);⁸ *ser disciplinado e educado* por Deus (Sl 94.12);⁹ *andar* na Lei do Senhor (Sl 119.1-2);¹⁰ *ter a Deus por auxílio, esperança* (Sl 146.5)¹¹ e *Senhor* (Sl 33.12; 144.15);¹² *ser escolhido* de Deus (Sl 65.4);¹³ *ter os pecados perdoados* (Sl 32.1);¹⁴ *temer a Deus e andar* nos Seus caminhos (Sl 128.1).¹⁵

Analisaremos agora o significado da Bem-aventurança no Salmo 1:

1. NEGATIVAMENTE CONSIDERANDO:

“Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores” (Sl 1.1).

No primeiro verso encontramos uma tríplice associação de três palavras: Andar, deter e assentar; conselho, caminho e roda; ímpios, pecadores e escarnecedores. O pecado começa pelo **andar**, satisfazendo os seus apetites pecaminosos; posteriormente, se **detém** nesta prática com um coração empedernido e insensível até que chegue a uma total obstinação que consiste no **assentar-se**. Neste último estágio

⁵ Cf. U. Becker, *Bênção*: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, Vol. 1, p. 297

⁶ Veja-se: William Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, Buenos Aires: La Aurora, 1973, Vol. 1, (Mt 5.3), p. 97-98.

⁷ *“Bem-aventurado o homem que põe no SENHOR a sua confiança e não pende para os arrogantes, nem para os afeiçoados à mentira”* (Sl 40.4). *“Ó SENHOR dos Exércitos, feliz o homem que em ti confia”* (Sl 84.12).

⁸ *“... Bem-aventurados todos os que nele se refugiam”* (Sl 2.12). *“Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia”* (Sl 34.8).

⁹ *“Bem-aventurado o homem, SENHOR, a quem tu repreendes, a quem ensinas a tua lei”* (Sl 94.12).

¹⁰ *“Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho, que andam na lei do SENHOR. Bem-aventurados os que guardam as suas prescrições e o buscam de todo o coração”* (Sl 119.1-2).

¹¹ *“Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, cuja esperança está no SENHOR, seu Deus”* (Sl 146.5).

¹² *“Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR, e o povo que ele escolheu para sua herança”* (Sl 33.12); *“Bem-aventurado o povo a quem assim sucede! Sim, bem-aventurado é o povo cujo Deus é o SENHOR”* (Sl 144.15).

¹³ *“Bem-aventurado aquele a quem escolhes e aproximas de ti, para que assista nos teus átrios; ficaremos satisfeitos com a bondade de tua casa -- o teu santo templo”* (Sl 65.4).

¹⁴ *“Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto”* (Sl 32.1).

¹⁵ *“Bem-aventurado aquele que teme ao SENHOR e anda nos seus caminhos!”* (Sl 128.1). Seguir fielmente o caminho do Senhor nos torna irrepreensíveis (Sl 119.1).

ele já não é apenas um curioso, antes, sente-se à vontade; encontra-se em ambiente bastante familiar; ele se assentou.

A progressão do comportamento descrito passa pela recepção do **conselho** que já o influencia;¹⁶ a “perversidade que ainda não se exteriorizou abertamente”, depois vai pelo **caminho**, o modo habitual de viver, chegando à **roda**, “obstinação produzida pelo hábito de uma vida pecaminosa”.¹⁷

Este homem familiarizou-se com os conselhos dos **ímpios**; passa então a se deter com uma curiosidade mais intensa no caminho dos **pecadores** e, por fim, se assenta na roda dos **escarnecedores**.¹⁸ Aqui há um agravamento de sua situação pecaminosa; ele passa a zombar das coisas santas. “As três frases completas mostram três aspectos, e, realmente, três graus, de separação de Deus, ao retratarem a conformidade a este mundo em três níveis diferentes: a aceitação dos seus conselhos, a participação dos seus costumes, e a adoção da sua atitude mais fatal...”.¹⁹

Reparem que o ponto inicial deste comportamento aparentemente nada tinha de grave, poderia soar até como mera curiosidade a fim de ampliar a sua visão ou, quem sabe, poder provar de todas as coisas e valer-se do que é bom; contudo, o fim dele foi a assimilação de um comportamento totalmente estranho a Deus e à Sua Palavra. É necessário, portanto, fugir dos maus exemplos e dos maus conselhos; eles nos induzem progressivamente à acomodação e justificação do erro em nossa vida. A racionalização pode ser algo extremamente danoso e reforçador de um comportamento pecaminoso em rebeldia à disciplina. “O justo não modela sua conduta pelo conselho de pessoas más. E mais, os justos não se demoram na companhia de ímpios persistentes; muito menos ficam permanentemente entre os cínicos que zombam de Deus abertamente”.²⁰

2. POSITIVAMENTE CONSIDERANDO:

“Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. ² Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite” (Sl 1.1-2).

O salmista estabelece o princípio orientador da agenda do ímpio e o mesmo do santo. O contraste é feito entre o *“conselho dos ímpios”* e a *“Lei do Senhor”* (1-2).

¹⁶ Vejam-se: Jó 21.16; 22.18.

¹⁷ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 1.1), p. 51-52.

¹⁸ “O adjetivo designa o homem que despreza com superioridade, burla com segurança, não respeita nem valores nem pessoas” (Luís Alonso Schökel; Cecília Carniti, *Salmos I: salmos 1-72*, São Paulo: Paulus, 1996, p. 119).

¹⁹ Derek Kidner, *Salmos 1-72: introdução e comentário*, São Paulo: Mundo Cristão/Vida Nova, 1980, (Sl 1.1), p. 63

²⁰ John Stott, *Salmos Favoritos: Seleccionados e comentados por John Stott*, São Paulo: Abba Press, 1997, p. 8.

Aqui temos algo fundamental: o que molda o pensamento do homem condiciona a sua vida!²¹ Portanto, a batalha espiritual está na escolha que o homem deverá necessariamente fazer entre o “*conselho dos ímpios*” e a “*Lei do Senhor*”.

Enquanto que os incrédulos seguem o conselho dos ímpios, os fiéis se instruem na Lei do Senhor, sendo utilizado aqui o nome mais elevado de Deus (יהוה); Aquele que é auto-existente, Todo-Poderoso e eterno. Daí a exclamação do salmista: “... *Bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor* (שִׂיְהוָה אֱלֹהָיו)” (Sl 144.15).

1) Prazer na Lei do Senhor (2)

“*Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite*” (Sl 1.2).

A “*Lei do Senhor*” refere-se a toda Escritura, não simplesmente à Lei de Moisés. Em outro lugar o salmista diz: “*Com efeito, os teus testemunhos são o meu prazer* (תַּפְּשֵׁת)(thaphets), *são os meus conselheiros* (עֲצָה)(’eçah)” (Sl 119.24).

O homem que se compraz na lei do Senhor é bem-aventurado. Parte da bem-aventurança já é o deleite na Palavra de Deus: “*Aleluia! Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR e se compraz* (תַּפְּשֵׁת) (thaphets) *nos seus mandamentos*” (Sl 112.1). Por mais prazeroso que seja o estudo da Palavra, o maravilhar-se com a majestade de Deus revelada e a Sua instrução, nem sempre temos o discernimento correto na aplicação desta lei absoluta às nossas circunstâncias, cheias de ambiguidades, daí a oração do salmista: “*Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me comprazo* (תַּפְּשֵׁת) (thaphets)” (Sl 119.35).

É preciso que cultivemos o hábito de ler a Palavra e descobrir dentro de um processo de aprendizado, o prazer em cumpri-la: “*Agrada-me* (תַּפְּשֵׁת)(tâpêts) *fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei*” (Sl 40.8).

O Salmista descreve a sua experiência; como a sua familiaridade prazerosa com a Palavra de Deus o preservou num momento de grande angústia: “*Não fosse a tua lei ter sido o meu prazer* (תַּפְּשֵׁת)(tâpêts), *há muito já teria eu perecido na minha angústia*” (Sl 119.92). Na angústia, muitos dos mitos de nosso pensamento e de nossa imaginação desaparecem. Percebemos então, para nossa tristeza, que muito do que criamos e propalávamos nada tem a dizer de relevante e significativo naquelas circunstâncias; eram pensamentos vãos, vazios de conteúdo e, por isso mesmo, irrelevantes. Descobrimos, então, a grandeza e praticidade da Palavra; no Seu conselho encontramos a disciplina educativa de Deus, as suas promessas passam a fazer sentido para nós; é como se um novo mundo se descortinasse à nossa frente. Pela Palavra não perecemos na angústia, antes, saímos fortalecidos em nossa fé, mais confiantes no Deus da Palavra e em Suas promessas.

²¹ Cf. Derek Kidner, *Salmos 1-72: introdução e comentário*, São Paulo: Mundo Cristão/Vida Nova, 1980, (Sl 1.2), p. 63.

O prazer na Palavra faz com que direcionemos nossos pensamentos e corações para ela. Ao invés de alimentarmos mágoas, ressentimentos e desejos de vingança, buscamos na Palavra, que é o nosso prazer, o suprimento para as nossas necessidades e a orientação em nossas decisões. Quando descobrimos o prazer na Palavra de Deus, passamos mais tempo a lendo e refletindo sobre os seus ensinamentos. Daí o salmista dizer, como vimos, que os testemunhos de Deus “*são os meus conselhos (עֲצָה) (‘etsāh)*” (Sl 119.24). Enquanto o homem sem discernimento busca conselho nos ímpios, culminando por assentar-se na companhia dos escarnecedores (Sl 1.1) – possivelmente para convalidar seus interesses e inclinações –, o homem bem-aventurado busca conselho nos mandamentos de Deus (Sl 119.24).

Os conselhos de Deus têm sentido para o tempo, em todas as circunstâncias próprias de nossa finitude, e para nos conduzir em segurança à eternidade, quando o Espírito será tudo em todos: “*Tu me guias com o teu conselho (עֲצָה) (‘etsāh) e depois me recebes na glória*” (Sl 73.24). A Palavra de Deus é um “*guia seguro para o céu*”!

Isto nos conduz à outra verdade elencada pelo salmista a respeito da prática do homem que é bem-aventurado.

2) Medita na Lei de dia e de noite (2)

“*Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite*” (Sl 1.2).

Enquanto o ímpio persegue freneticamente o conselho e caminho dos ímpios, o fiel, que tem na Palavra o seu prazer, ocupa a sua mente com a Lei do Senhor; de dia e de noite. Todo momento é oportuno para tomar a Palavra como alvo de nossas cogitações. Curiosamente, no Salmo 2.1, o verbo “*imaginar*” (הֲגִיחַ) (hāgāh) é o mesmo de “*meditar*” no Salmo 1.2.²² A questão então, está no que ocupa a nossa mente: *em meditar na Palavra ou em imaginar cousas vãs?* Quando a nossa imaginação navega sem rumo pode se alimentar de coisas fúteis, tornando-se instrumento de destruição como, por exemplo, para maquinar planos de vingança e calúnia. A nossa imaginação mal utilizada poderá criar estruturas mentais que se constituem em pressupostos concretos para o novo elaborar intelectual, nos conduzindo a um comportamento totalmente distante da realidade, cujo fundamento está em nossa imaginação pecaminosa que se alimentou de si mesma construído um mundo fictício e, pior, destrutivo. Esta “*petição de princípio*” imaginativa certamente acarretará muito dor e ansiedade e, pior, sem nenhum fundamento concreto.

Salomão nos instrui quanto ao perigo de invejarmos o ímpio e de desejarmos conviver com ele. Este homem é contagiante em suas maquinações para a violência as quais são verbalizadas para persuadir: “*Não tenhas inveja dos homens malignos, nem queiras estar com eles, ² porque o seu coração maquina (הֲגִיחַ) (hāgāh) violência, e os seus lábios falam para o mal*” (Pv 24.1-2).

²² O verbo tem o sentido de *murmurar, gemer, meditar, planejar, imaginar*.

Davi descrevendo seus inimigos que se aproveitam de sua fragilidade circunstancial, escreve: *“Armam ciladas contra mim os que tramam tirar-me a vida; os que me procuram fazer o mal dizem coisas perniciosas e imaginam (הִגָּה) (hãgãh) engano todo o dia”* (Sl 38.12).

A imaginação pode ser algo extremamente produtiva e útil quando a colocamos à disposição do serviço de Deus, na realização de projetos condizentes com a Palavra. Isto é válido para qualquer atividade, quer seja na arte, na elaboração de um livro, no planejamento de nosso mês, na preparação de uma festa, etc. Podemos usar a nossa imaginação para visualizar o que pretendemos fazer e nos alegrar na consecução desses projetos. O apóstolo Paulo é um exemplo positivo disso. Ele desejava muito visitar os crentes romanos; orava por aqueles irmãos. Enquanto isso, imaginava quando estivesse com eles, levaria uma mensagem instrutiva e um compartilhar da fé edificante e confortador. Por volta do ano 57 A.D., estando em Corinto, escreve: *“Porque Deus, a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho, é minha testemunha de como incessantemente faço menção de vós em todas as minhas orações, suplicando que, nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião de visitar-vos. ¹¹ Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados, ¹² isto é, para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos por intermédio da fé mútua, vossa e minha”* (Rm 1.9-12).

Nesta ocasião Paulo acredita ter uma boa oportunidade de visitar Roma. Contudo, antes deve passar pela Judéia para levar as ofertas para os santos dali. Sua trajetória seria arriscada visto ter muitos inimigos na região. Ele então pede aos crentes romanos: *“³⁰ Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, ³¹ para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judéia, e que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos; ³² a fim de que, ao visitar-vos, pela vontade de Deus, chegue à vossa presença com alegria e possa recrear-me convosco”* (Rm 15.30-32).

A nossa imaginação meditativa tende a moldar o nosso comportamento,²³ reforçando propósitos, enchendo-nos de uma alegre perspectiva de concretização do que cremos ser útil e edificante. Deus diz a Josué diante do desafio de conduzir o povo na terra prometida: *“Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita (הִגָּה) (hãgãh) nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido”* (Js 1.8).

O meditar na Palavra e nos feitos de Deus é uma prática abençoadora pelo fato de ocupar nossas mentes e corações com o que realmente importa; estimula a nossa gratidão e perseverança em meio às angústias.²⁴ Isto nos traz grande alívio. Davi

²³“O coração do justo medita (הִגָּה) (hãgãh) o que há de responder, mas a boca dos perversos transborda maldades” (Pv 15.28).

²⁴ “Quando formos premidos pela adversidade, ou envolvidos em profundas aflições, meditamos nas promessas de Deus, nas quais a esperança de salvação nos é demonstrada, de modo que, usando este escudo como nossa defesa, rompamos todas as tentações que nos assaltam” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 4), p. 89].

no deserto se confortava meditando nos feitos de Deus: “No meu leito, quando de ti me recordo e em ti medito (הִגַּדְתִּי) (hãgãh), durante a vigília da noite. Porque tu me tens sido auxílio; à sombra das tuas asas, eu canto jubiloso” (SI 63.6-7/SI 77.11-12; 143.5)

Meditar na Palavra tem o sentido de considerá-la em nossas decisões, refletir sobre os seus ensinamentos. A meditação deve modelar, corrigir e confirmar o nosso comportamento. A meditação aqui é uma exortação à assimilação existencial da Palavra a fim de que esta se evidencie em nossa prática. “A meditação é a consideração frequente, atenta e devota das obras, das palavras e dos benefícios de Deus, e de como tudo provém de Deus (que opera ou permite) e de como, por caminhos maravilhosos, todos os desígnios da vontade divina são exatamente realizados”.²⁵

A palavra "meditar", em sua origem latina, significa, entre outras coisas, "preparar para a ação". Desta forma, a meditação não tem um fim em si mesma, mas, sim, visa conduzir o nosso agir e o nosso realizar.²⁶

A prática do meditar na Palavra nos confere maior discernimento, nos estimula ao prazer de obedecer a Deus e de partilhar de seus ensinamentos. Vejam os testemunhos inspirados descritos por servos de Deus: “Quanto amo a Tua lei! É a minha meditação (שִׁיחָה) (Sihãh) (considerar, perscrutar, cogitar) todo o dia” (SI 119.97). “Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito (שִׁיחָה) (Sihãh) nos teus testemunhos” (SI 119.99).

O Salmista narrando a sua prática prazerosa, diz: “Meditarei (שִׁיחָה) (Siha) nos teus preceitos, e às tuas veredas terei respeito” (SI 119.15/SI 119.27,48,78,148).

O nosso meditar na Palavra tem implicações direta em nossa santificação,²⁷ visto que se constitui em um estímulo constante, por graça de Deus, a que cumpramos os Seus mandamentos. Ao mesmo tempo, como nos adverte Calvino, a Palavra nos previne contra as armadilhas diabólicas que visam nos afastar de Deus:

“Visto que Satanás está diariamente fazendo novos assaltos contra nós, é necessário que recorramos às armas, e é mediante a lei divina que somos munidos com a armadura que nos capacita a resistir. Portanto, quem quer que deseje perseverar em retidão e integridade de vida, então que

²⁵ João Amós Comênio, *Didáctica Magna*, 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1985), XXIV.7. p. 355.

²⁶ Packer assim define: “Meditação é o ato de trazer à mente as várias coisas que se conhecem sobre as atividades, os modos, os propósitos e as promessas de Deus; pensar em tudo isso, refletir sobre essas coisas e aplicá-las à própria vida” (J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, São Paulo: Mundo Cristão, 1980, p. 15).

²⁷ “Não podemos fazer progresso na santidade a menos que empreguemos mais tempo lendo e ouvindo a Palavra de Deus, e meditando sobre ela; pois é ela que é a verdade pela qual somos santificados” (Charles Hodge, *O Caminho da Vida*, New York: Sociedade Americana de Tractados, (s.d.), p. 294).

aprenda a exercitar-se diariamente no estudo da Palavra de Deus; pois, sempre que alguém despreze ou negligencie a instrução, o mesmo cai facilmente em displicência e estupidez, e todo o temor de Deus se desvanece em sua mente”.²⁸

Portanto, o homem bem-aventurado é aquele que se agrada em meditar na Palavra, dando atenção aos mandamentos de Deus a fim de poder cumpri-los, tornando-os o modelo de sua agenda de pensar e praticar.

3. A BEM-AVENTURANÇA:

O salmista além de descrever o caminho do homem fiel a Deus, sendo bem-aventurado em sua essência, ele detalha alguns aspectos desta bem-aventurança:

1) Solidez Frutificante: (3)

“Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido” (Sl 1.3).

a) “No devido tempo, dá o seu fruto” (3)

Há um crescimento silencioso, mas, constante. A prosperidade manifestada no fruto é produzida em sua estação e não necessariamente imediatamente depois de se plantar a semente. Aqui há um estímulo à perseverança na Palavra. Deus tem o tempo certo para todas as coisas. A colheita resultante da nossa fidelidade a Deus ocorre no tempo próprio; portanto, não deve haver lugar em nosso coração nem para descaso e indiferença, nem ansiedade. A obediência a Deus é sempre frutuosa, ainda que no processo de perseverança obediente e aprendizado nem sempre percebamos alguns frutos que apontam para uma abundante colheita. Deus tem o controle de todas as coisas; ele controla as estações do tempo e de nossa vida. O “devido tempo” pertence a Deus. Confiemos no Senhor e perseveremos em fazer o bem.

b) “Cuja folhagem não murcha” (3)

Realça o livramento dos danos da seca. Deus não permite que as vicissitudes da vida, especialmente aquelas resultantes de nossa fidelidade à Sua Palavra, nos faça murchar em nossa alegria de viver e de permanecer em Seus caminhos. Aqui temos um desafio a confiar no Senhor, conforme o texto paralelo de Jeremias nos instrui: *“Bendito o homem que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e no ano de sequeidão não se perturba nem deixa de dar fruto”* (Jr 17.7-8).

²⁸ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 18.22), p. 383.

Deste modo, assim como as árvores se alimentam e se solidificam por meio de suas raízes, o fiel se nutre espiritualmente, fortalecendo a sua fé em Deus por meio da meditação sincera e constante na Sua Palavra.

2) Bem Sucedido: (3)

“Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido” (Sl 1.3).

A prosperidade e o sucesso têm os seus encantos naturais além daqueles que podem ser forjados pela nossa prodigiosa imaginação. E com todos estes ingredientes, há, certamente – não sejamos ingênuos –, as tentações próprias reforçadas pela nossa maneira de visualizar o mundo.

No entanto, a Palavra nos mostra que o ser bem sucedido está relacionado ao proceder conforme os preceitos de Deus. Jamais seremos frustrados Naquele que não tem planos frustrados (Jó 42.2). Não há genuíno sucesso fora da Palavra de Deus. O segredo do sucesso está no alimento de nossa alma na Palavra; devemos, portanto, permanecer *“plantado junto a corrente de águas”*. Deus pela graça nos preserva e conduz a bom termo o que Ele mesmo colocou em nossa coração a levar adiante. “Portanto, é tão-somente pela bênção divina que alguém pode permanecer numa condição de prosperidade”.²⁹

Lembremo-nos sempre de que o “sucesso” mencionado pelo salmista está associado mais especificamente à sua vida espiritual e, também, o que ele faz conforme o conselho da Lei do Senhor.

3) Caminho conhecido de Deus: (6)

“Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá” (Sl 1.6).

Sabemos que Deus é onisciente: Ele sabe todas as coisas porque nada acontece sem a Sua direção. No entanto, a Bíblia fala algumas vezes do conhecimento de Deus indicando uma relação especial, pactual com os Seus filhos. Deus não desco-

²⁹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 1.3), p. 54. “Há nas palavras um contraste implícito entre o vigor de uma árvore plantada num sítio bem regado e a aparência decaída de uma que, embora viceje prazenteiramente por algum tempo, no entanto logo murcha em decorrência da aridez do solo em que se acha plantada” (João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 1.3), p. 54). “... Os filhos de Deus vicejam constantemente, e são sempre regados com as secretas influências da graça divina, de modo que tudo quanto lhes suceda é proveitoso para sua salvação.... ao passo que, embora os ímpios aparentem precoce fecundidade, contudo nada produzem que conduza à perfeição” (João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 1.3), p. 54-55).

nhece o caminho do ímpio, antes, deixa-lhe seguir o seu próprio caminho de rebeldia, desorientação, sem objetivo e conseqüente destruição. O ser ignorado por Deus, significa perecimento.³⁰

a) A Ocupação Divina:

O fato de Deus conhecer o nosso caminho, significa que Deus está conosco mesmo quando pareça estar distante e nada percebendo. Ele cuida de nós. A sensação de abandono de Deus não é estranha aos salmistas, todavia, logo contrastada com a certeza de Seu cuidado preservador e amoroso. O salmo 9 (que será alvo de nossa exposição), entre outros, é um bom exemplo disso. Portanto, permaneçamos em paz sob o conhecimento cuidadoso de Deus. Deus conhece os nossos caminhos e aflições: *“Eu me alegrarei e regozijarei na tua benignidade, pois tens visto a minha aflição”*, exulta o salmista em sua confiança (SI 31.7). *“... Quando nada senão destruição se manifestar ante nossos olhos, para qualquer lado que nos viremos, lembremo-nos de erguê-los em direção do trono celestial, donde Deus vê tudo o que se faz aqui em baixo”*.³¹

b) A sua relação pactual:

Algo extremamente relevante e confortador para nós é saber que somos conhecidos de Deus. Jesus, o Sumo pastor, declara: *“Eu sou o bom pastor; conheço (γινώσκω) as minhas ovelhas, e elas me conhecem (γινώσκω) a mim, assim como o Pai me conhece (γινώσκω) a mim, e eu conheço (γινώσκω) o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas”* (Jo 10.14-15).

Conhecer envolve um relacionamento pessoal e afetivo. Jesus Cristo conhece pessoal e afetivamente os Seus filhos. O conhecimento de Deus em relação ao Seu povo sempre denota uma relação íntima e amorosa pela qual Ele distingue os Seus.³² Ele conhece os que Lhe pertencem: *“... o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece (γινώσκω) os que Lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor”* (2Tm 2.19).

Jesus numa passagem escatológica nos ensina: ²¹ *Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.* ²² *Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?* ²³ *Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci (γινώσκω). Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”* (Mt 7.21-23). Jesus Cristo declara que nunca os reconheceu como Seus

³⁰ Veja-se Agostinho, *Comentário aos Salmos*, São Paulo: Paulus, 1997, Vol. 1, (SI 1.6), p. 24.

³¹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (SI 9.6), p. 184.

³² Vd. A.W. Pink, *Os Atributos de Deus*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1985, p. 23ss.; João Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 8.29), p. 295.

discípulos; em momento algum manteve com eles uma relação afetiva.

IMPLICAÇÕES CONCLUSIVAS:

- 1) Os ímpios ainda que sejam abundantes, falta-lhes base, raiz; por isso serão dispersos (SI 1.4). “Embora os ímpios vivam no momento prosperamente, todavia vão paulatinamente se transformando em palha; pois quando o Senhor os derribar, Ele os arrojará de um lado para o outro com sua fulminante ira....”³³
- 2) O caminho do ímpio ainda que por um momento pareça florescente, não prevalecerá; antes, perecerá (SI 1.5-6). Isto porque o juízo pertence a Deus (Dt 1.17). “*Vi um ímpio prepotente a expandir-se qual cedro do Líbano.*³⁴ *Passei, e eis que desaparecera; procurei-o, e já não foi encontrado. Observa o homem íntegro, e atenta no que é reto; porquanto o homem de paz terá posteridade*” (SI 37.35-37).
- 3) Devemos em todas as circunstâncias buscar aprender o caminho de Deus, como aplicar a Sua Palavra às novas situações com as quais nos deparamos. Portanto, a nossa oração deve ser como a do salmista: “*Faze-me ouvir pela manhã da tua graça, pois em ti confio; mostra-me o caminho por onde devo andar, porque a ti elevo a minha alma*” (SI 143.8).
- 4) No meio das tribulações, das angústias e das incompreensões, podemos sempre esperar em Deus, certos da Sua ação providente e poderosa. Quando depositamos a nossa esperança no Deus da Palavra, não temos com que nos preocupar; a nossa esperança nunca será frustrada, porque Deus é fiel; Ele sempre cumpre a Sua Palavra.
- 5) A nossa fidelidade a Deus envolve uma escolha corajosa em segui-Lo por meio de Jesus Cristo, que é o Caminho (Jo 14.6), e perseverar nEle sabendo que bem-aventurados são todos aqueles que seguem ao Senhor, conforme o próprio Cristo afirma: “*As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço (γινώσκω), e elas me seguem*” (Jo 10.27). E: “*.... Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida*” (Jo 8.12).

Maringá, 18/19 de março de 2010.
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

³³ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1 (SI. 1.4), p. 55.

³⁴ Árvore conhecida pela sua durabilidade e estatura (Ez 31.3; Am 2.9), podendo atingir 40 metros de altura.